

Alfredo da Silva, um sonho real

Estava uma tarde chuvosa no país inteiro, embora o sol espreitasse, de vez em quando, por entre as nuvens.

Um homem apareceu, vindo de uma esquina. Trazia uma cartola, um fato antigo, de seda, com uma flor ao peito e uma bengala cor de chumbo. A sua cara tinha uma grande marca, um bigode farfalhado, algo que dava caráter ao seu rosto. O seu nome? Alfredo da Silva.

O ano era 1943, em Sintra. Alfredo da Silva não aparecia nítido como todas as outras pessoas e, por mais que olhasse, não encontrava uma sombra deste homem. Encontrava-me com ele numa rua velha, desgastada pelo tempo, onde ratos procuravam restos, numa ânsia de sobrevivência. À beira dessa rua vetusta havia um grande edifício que tinha uma palavra gravada no topo. As letras estavam tão sumidas que nem conseguia perceber a palavra que, outrora, se encontrava ali, no topo. Olhei para Alfredo. Este estava pensativo e cabisbaixo com uma cara de quem me convidava a entrar no edifício. Caminhei para a entrada principal. O homem à entrada, que pelo seu corpanzil devia ser segurança, não notou a minha presença, o que era estranho. Notei pelo seu cartão de identificação que se chamava Joaquim.

- Bom Dia! – disse-lhe. Mas não obtive resposta.

Joaquim carregava um ar sepulcral, com os olhos ramelosos e sem vontade. Não me pareceu não ter respondido apenas por estar a trabalhar contra a sua vontade. Cada vez que acabava de falar, libertava um enorme suspiro, o que fazia com que o seu rosto bochechudo se esvaziasse, como se alguém tivesse deixado o ar escapar. Entrei.

O *hall* do edifício era grande, triunfal e movimentado. Joaquim parecia pertencer a um local de trabalho completamente diferente do das pessoas que se encontravam dentro do edifício porque, apesar do segurança apresentar um semblante taciturno, a maioria dos funcionários no *hall* exibia um rosto alegre e satisfeito.

Ao dar entrada no edifício, dei de caras com um balcão branco pálido, enorme, no centro do piso. Em cima do balcão, vindo do teto até quase ao balcão, pousava um *placard* com o seguinte texto gravado: “ALFREDO DA SILVA, o maior industrial químico português do século XX”.

À entrada, havia uma tapete vermelha, comprida. Atrás do balcão, encontrava-se uma escadaria pomposa.

Ao avançar em direção ao balcão reparei que este era fechado em forma de círculo. Dentro do espaço, havia uma mulher. Se o segurança, à entrada do edifício, dava um aspeto sombrio ao local, esta rececionista iluminava tudo à sua volta. Detinha uma pele clara, alva como a neve, os seus lábios eram rubros como o sangue e os cabelos eram louros como o ouro polido. Ana Duarte, era o nome desta pintura de Deus.

- Bom Dia! – cumprimentei-a.

Não obtive resposta. O que é que se estaria a passar ali?

Prossigui para a escadaria atrás do balcão. Nunca tinha visto umas escadas como aquelas. Certamente, nem todos poderiam alguma vez pisar aqueles degraus. De madeira, a escadaria era gloriosa e triunfante, com uma tapete dourada e brilhante e um corrimão revestido de ouro. No cimo, tanto poderia ir para a direita como para a esquerda, já que a escadaria se dividia em dois. Fixado à parede, próximo dos letreiros que indicavam que departamentos da empresa poderia encontrar se virasse para um dos dois lados, havia um segundo memorial, agora uma lápide a homenagear Alfredo da Silva, com as datas 1871-1942 gravadas.

Decidi não prosseguir. Não me desviei nem para a esquerda nem para a direita. Voltei costas à lápide estando, assim, a contemplar agora a entrada do edifício. Reparei que a faixa descomunal que homenageava Alfredo da Silva, à entrada, cobria um candeeiro invulgar, cristalino e dourado. Desci a escadaria, e dirigi-me à entrada.

Quando saí pela porta do edifício, senti-me novamente a viajar no tempo. Já não estava, com certeza, em 1943. Não, estava no futuro do meu presente.

Consegui ver qual o ano em que me encontrava através de um cartaz que anunciava a data de um evento. O ano era 2021. A pequena avenida onde o edifício se encontrava, em 1943, tinha mudado, embora eu reconhecesse a rua onde estive pela primeira vez. A rua antiga de 1943 já não era palco da sobrevivência de ratos. Não, era agora palco de automóveis. Nessa mesma rua, eram conduzidos carros elétricos. Tinham desaparecido as carruagens e os homens já não usavam cartola nem bengala.

Voltei-me instintivamente para o edifício e espreitei por uma grande porta de vidro, para ver o *hall*. Já nada era igual. À entrada, em vez do segurança Joaquim, uma máquina dispensava uns pequenos papéis que as pessoas seguravam enquanto aguardavam que uma voz mecânica chamasse por um número que ditava a ordem pela

qual eram atendidas. A escadaria de madeira com o corrimão dourado tinha sido substituída por uma escada cujos degraus iam rolando, levando as pessoas até ao piso superior sem que tivessem dado um único passo. O velho *hall* tinha desaparecido. Toda aquela tecnologia, além de servir caprichos egoístas e ociosos do Homem, havia deitado ao lixo toda a classe e elegância que aquele mesmo edifício tinha, no século anterior.

Saí dali e sentei-me num banco que se encontrava perto do local onde a figura misteriosa de Alfredo da Silva me tinha surgido, pela primeira vez, numa viagem alucinante ao ano de 1943. Olhei vagamente para aquela pequena avenida, absorto nos meus pensamentos. Pairava apenas uma pergunta na minha cabeça: Que edifício era aquele? Que relação tinha com Alfredo da Silva?

Olhei para o topo do edifício e agora já conseguia ler as letras gravadas. Estavam mais claras e menos enferrujadas. CUF, era a palavra.

De repente, senti uma presença que me era familiar. Alfredo da Silva caminhava dirigindo-se a mim. Sentou-se ao meu lado.

- Então, em que pensamento vagueias? – perguntou-me ele.

- Como é que, passado pouco mais de um século, tudo isto que o senhor construiu ainda prospera?

- Ninguém nasce ensinado, não é o que costumam dizer? – Alfredo deu uma olhadela no meu rosto e continuou, depois, a contemplar a avenida. - Foram precisos muitos anos para eu aprender isso e agora vejo que é uma enorme verdade. Ninguém nasce ensinado, vamos aprendendo ao longo da vida e mesmo quando a nossa vida acaba, ainda nos falta aprender muito. Se adquirires conhecimento, construirás uma bagagem que te permitirá agarrar as oportunidades que a vida te proporcionar. Eu tentei fazer isso e toda a dedicação que coloquei no meu trabalho foi compensada. Os meus filhos, e também os meus netos, aprenderam com o meu exemplo, seguiram e souberam aplicar o meu lema “Mais e melhor”. E tudo isto que eu construí e que eles expandiram só vem comprovar que, com esforço e trabalho, conseguimos tornar o impossível possível. Mesmo tendo já passado um século tudo isto opulenta. Acho que o mundo precisa, sobretudo, de amor. Desde a criação do mundo que existem guerras. A principal causa de todos esses conflitos é, com certeza, a falta de amor e a tolice de falar sem pensar. Amar o próximo é meio caminho andado para o sucesso.

Alfredo tinha razão: sem trabalho, sem dedicação não podemos fazer nada.

- Sr. Alfredo, posso perguntar-lhe uma coisa?

- O que quiseres, meu rapaz.

- Isto é real? Ou está tudo a acontecer dentro da minha cabeça? – perguntei confuso.

Alfredo olhava agora para mim com um braço no meu ombro.

- Claro que está tudo a acontecer dentro da tua cabeça, meu caro rapaz. Mas porque é que isso significa que não é real?

Alfredo da Silva levantou-se e saiu. Desapareceu na mesma esquina onde eu o tinha visto pela primeira vez.

Acordei. Tudo tinha sido um sonho. Isso explica o facto de ter visto Alfredo da Silva em anos em que este já não estava vivo. A professora tinha razão. A visita de estudo iria fazer-nos pensar. Não só me fez pensar, como também me fez sonhar.

Real ou não, a conversa que acabara de ter com Alfredo da Silva fez-me tomar a decisão de que, dali em diante, iria dedicar-me e esforçar-me no trabalho para que, um dia, o mundo se possa lembrar de mim como alguém que trabalhou e lutava pelo que queria.